

MOVIMENTO: alguns aspectos da história e da trajetória¹

Cecília Goulart²

Osmar Fávero³

Percival Tavares da Silva⁴

Que motivações levam instituições e grupos de pesquisa a produzir suas próprias publicações, considerando os contextos políticos de ação institucional local e nacional, de um modo geral, tão adversos e desestimulantes? Como navegantes que vão definindo rumos para seus navios, parece que vamos lutando por definir nossas bandeiras, mostrar em que espelhos nos olhamos, tornar públicos nossas descobertas e desafios, apresentar nossas posições, nossos embates e contradições; enfim, disseminar nossa produção.

Temos como meta, neste artigo, apresentar e discutir aspectos do percurso da *Revista da Faculdade de Educação* da Universidade Federal Fluminense, hoje *Revista Movimento*, procurando refletir, ainda que muito brevemente, sobre o processo de produção de periódicos das faculdades de educação, dos programas de pós-graduação e dos centros de pesquisa brasileiros. Nossa

¹ Texto inédito, produzido em 2002, para um número Especial da *Movimento*, número que não vingou.

² Doutora e mestre em Letras, professora da Faculdade de Educação UFF, coordenadora do Grupo de Pesquisa/CNPq Linguagem, Cultura e Práticas Educativas – goulartcecilia@uol.com.br

³ Doutor em Filosofia da Educação, mestre em Educação, professor Emérito da UFF no Programa de Pós-Graduação em Educação, NEDEJA Núcleo de Educação de Jovens e Adultos - ofavero@gmail.com

⁴ Doutor em Educação, mestre em Filosofia da Educação, professor de Filosofia da Educação na graduação na Faculdade de Educação e membro do NuFiPE Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Política e Educação – perci.ts@gmail.com

análise se faz com base no processo de retomada da *Revista da Faculdade de Educação* da UFF, em meados do ano de 1997, na gestão da Professora Maria Felisberta da Trindade, concretizada a partir de 2000, na gestão do Professor Waldeck Carneiro da Silva.

A *Revista da Faculdade de Educação* surgiu como evolução do primeiro e único número do *Boletim Informativo*, publicado em maio de 1970. O *Boletim* visava informar e integrar professores, alunos e pessoal administrativo, apresentando notícias sobre as mudanças estruturais e técnico-pedagógicas que estavam se processando em decorrência da Reforma Universitária. A ampla aceitação e a repercussão do *Boletim*, no interior da comunidade docente e discente, motivaram a criação da *Revista*, em 1971 (FARIA et al., jan./jun. 1980, p. 5).

A *Revista da Faculdade de Educação* se caracterizava como monográfica e sua distribuição era gratuita. Teve sua publicação suspensa inicialmente entre julho de 1972 e dezembro de 1977, e, mais tarde, após o número relativo a julho/dezembro de 1987. Sua suspensão acarretou um vazio interno à Faculdade de Educação, principalmente no que dizia respeito à divulgação da produção acadêmica de seus professores.

Em sua origem, a *Revista* tinha um caráter informativo e era organizada principalmente pelos professores da graduação. Seu primeiro número diz: “Esta publicação (...) visa informar à comunidade sobre assuntos educacionais”. Posteriormente, se propunha a

[...] expor e discutir questões relativas à área educacional; contribuir para a formação de mentalidade esclarecida em matéria de educação; divulgar assuntos que concorram para a renovação científica do trabalho pedagógico e atividades desenvolvidas por esta Faculdade, realizando intercâmbio com órgãos similares (*Revista da Faculdade de Educação*, n. 4, junho 1976).

expressando assim as preocupações e necessidades da época.

Embora propondo-se semestral, a *Revista* enfrentou desde o início problemas de periodicidade. Por ocasião de seus dez anos, a equipe responsável afirmava: “problemas burocráticos dificultam, até o presente, a edição regular da *Revista*” (FARIA et al., O.C., p. 13). Conversas informais com professores que estavam naquele momento na Faculdade revelaram alguns outros problemas que acabaram inviabilizando sua produção, tais como conflitos em torno de sua linha política e falta de recursos financeiros.

Esta publicação contou, desde o começo, com o apoio da EdUFF – Editora da UFF (inicialmente denominada Imprensa Universitária) para sua impressão e com apoio financeiro esporádico da UFF e da CAPES e, posteriormente, do CNPq, dentro do Programa de Apoio a Periódicos Científicos em Educação. A partir do segundo semestre de 1982, a Pós-Graduação da Faculdade de Educação integrou-se à produção da mesma, objetivando “divulgar a parte inédita da produção científica dos professores do Curso” (FARIA Jr., jul./dez., 1982).

Por ocasião das comemorações dos cinquenta anos da Faculdade de Educação da UFF, em 1997, começou a ganhar contornos mais definidos o desejo de retomar a publicação da *Revista*, levando-se em conta principalmente a importância de termos um veículo que colocasse em circulação parte da nossa significativa produção acadêmica. A experiência, àquela época, de viver um processo de discussão efervescente de definição e de prática de novos currículos para os cursos de Pedagogia de Niterói e de Angra dos Reis; de reorganização político-administrativa interna da Faculdade de Educação; de crescente trabalho e produção da Pós-Graduação, tanto *lato* quanto *stricto sensu*, propiciaram a retomada de antigos projetos e desejos. Este movimento está intimamente relacionado à chegada de novos professores que, se integrando a companheiros mais antigos, compreendiam a necessidade de novos horizontes político-pedagógicos para a Faculdade. A perspectiva de retomada da *Revista* foi aos poucos se concretizando, com percalços, barreiras de muitos tipos e, sobretudo, pelas próprias dificuldades do corpo docente

envolvido em muitas frentes de ação ligadas à docência, à pesquisa e à extensão. Outro ponto a destacar é a compreensão de que a *Revista* só se consolidaria na medida em que fosse espaço de participação, assumido pelo corpo docente e discente da Faculdade.

Na perspectiva acima apontada, foi sentida a necessidade de conceber a nova fase da *Revista* de modo consistente e participativo, com um perfil que nos identificasse. Importava assumir padrões consagrados internacional e nacionalmente, mas que, ao mesmo tempo, a singularizasse. Que concepção a *Revista* teria? Que tipo de periódico seria mais adequado às nossas pretensões? Qual seria seu público-alvo? Como definiríamos o alcance da produção e da circulação da *Revista*? Teria um caráter de produção e circulação nacional⁵ ou seria apenas uma produção restrita à instituição?

As discussões se encaminharam no sentido de um periódico de produção local, mas com divulgação em nível nacional. Seu caráter seria *científico geral*⁶, por estar vinculado a uma faculdade de educação e a um programa de pós-graduação em educação, com o objetivo primeiro de difundir o conhecimento gerado nessa instituição e nesse programa, analisando assuntos abordados sob enfoques distintos, publicando artigos e estudos, direta ou indiretamente relacionados com o fato educativo, nos diferentes níveis de ensino, ou em relação a aspectos macro ou micro estruturais; ou, ainda, enfocando aspectos relativos aos distintos atores envolvidos na atividade educacional (pais, alunos e professores) ou ao ambiente escolar (AMADO et al., 1993, p. 184).

⁵ Os fatores que caracterizam as publicações como nacionais são: a) o possuírem um corpo editorial que seleciona as matérias a serem publicadas; b) a regularidade; c) o serem conhecidas nacionalmente e apresentarem um sistema de assinaturas e, em certos casos, serem vendidas em livrarias; d) disporem de um corpo diversificado de colaboradores quer quanto à sua localização institucional, quer no que se refere às suas respectivas especializações profissionais (AMADO et al., 1993).

⁶ No relatório “Análise dos periódicos brasileiros de educação”, publicado na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* v. 79, n. 193 (1998), Cristina Ortega, Osmar Fávero e Walter Garcia propõem a seguinte classificação: a) periódicos científicos, desdobrados em gerais e especializados; b) periódicos genéricos, respectivamente de divulgação ampla ou restrita; e c) referenciais.

A decisão fundamental, então, foi produzir um periódico *científico geral*, com abordagem diversificada de questões educacionais, trabalhada em artigos inéditos; ou seja, um periódico comprometido em divulgar a produção acadêmico-científica da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, mas aberto à participação de professores e alunos de outras instituições.

As definições iam também nos colocando de frente com a necessidade de recursos financeiros que viabilizassem a produção, sustentação e manutenção da *Revista*, assim como uma fundamental infra-estrutura para controle, divulgação e distribuição. Manter um cauteloso “pé-no-chão” foi uma condição para que começássemos a entrar em contato com agências de fomento à pesquisa, editoras (inclusive a própria EdUFF) e com outras instituições, para avaliarmos nossas necessidades, possibilidades e limitações. Uma das preocupações principais foi evitar um possível voluntarismo que, eventualmente, seria responsável pela publicação de um e outro número da *Revista*, mas não garantiria sua publicação sistemática nem o nível de qualidade almejado.

Foi sendo analisado, no decorrer do processo, que a empreitada de retomada da *Revista* revelava-se um desafio para a Faculdade de Educação, frente à conjuntura sócio-político-econômica nada favorável às universidades públicas. Os cortes orçamentários, a redução do quadro funcional e a precarização das condições de trabalho exigiram forte vontade política, disponibilidade de tempo e criatividade da equipe responsável, procurando fugir do *casamento faceiro do conhecimento com o mercado*⁷, de modo a não aviltar este conhecimento, seus produtores e a sociedade que dele pode se beneficiar, mas garantindo sua autonomia e, não, sua mercantilização.

Compreendemos, antes de tudo, a importância de dar visibilidade à qualidade social da intervenção realizada pelos professores e alunos da Faculdade de

⁷ Expressão tomada de Pedro Demo que, com rara felicidade, denuncia que “o conhecimento está aprisionado no mercado fugindo, de certa forma, das instituições educativas” (1997, 47).

Educação, para que seja cada vez mais reconhecida pública e socialmente. Trabalhamos então no sentido democrático de garantir uma efetiva articulação universidade-sociedade, que certamente não se reduz à publicação de periódicos. Nesta direção, consideramos a relevância de divulgar a nossa produção, assim como a produção de pesquisadores, professores e alunos de outras instituições; intercambiar esta produção com universidades, centros de pesquisa, secretarias de educação, organizações da sociedade civil e outros; abrir espaço para a publicação de trabalhos e projeção de novos autores e para a atualização bibliográfica, contribuindo para a democratização do espaço universitário.

Outro ponto a destacar é que este novo periódico viria preencher um vazio da área no Rio de Janeiro, que não possuía, na ocasião, nenhum periódico científico geral em educação - algo difícil de imaginar nesse pólo cultural avançado.⁸

O fato promissor é que fizemos a *Movimento*. Com este “título fantasia”, resultado de concurso interno na Faculdade, lançamos o primeiro número em maio de 2000 e o quarto em outubro de 2001. Periodicidade garantida. Novas cabeças e novas mãos chegaram, outras saíram. Novos espaços se abrem, novos ajustes se dão. O desafio permanece a cada número. As perguntas se renovam e se ampliam, em *Movimento*.

Com quantas mãos e cabeças se faz uma revista? Por que as faculdades de educação se empenham tanto em fazer revistas? Perguntaríamos agora, considerando a nossa não especialização no empreendimento, que nos obriga a ter de lidar não só com a definição de sua linguagem, tendo em vista o público a ser atingido, a obtenção de artigos, textos e documentos, incluindo sua avaliação, mas também com questões que vão desde a qualidade do papel a ser utilizado e o formato da revista, sua composição e até sua distribuição, que envolve doações, permutas e vendagem. Lidando com problemas jamais

⁸ Existia então apenas a Revista *Ensaio - avaliação e políticas públicas em educação*, especializada, editada pela Fundação CESGRANRIO. A partir de 2000, a Faculdade de Educação da UERJ começou a publicar o periódico científico geral *Teias*,

pensados em nossa formação, retornamos à pergunta inicial: que motivações levam instituições a produzir suas próprias publicações, considerando os contextos políticos de ação institucional local e nacional, de um modo geral, tão adversos e desestimulantes?

Os autores do relatório “Análise dos periódicos brasileiros de educação”, já citado, indicam que dentre o primeiro levantamento realizado, em 1993, e o segundo, em 1999, cerca de 50% dos periódicos analisados eram novos. Consideram estar ocorrendo um processo de fragmentação da produção na área educacional, agravado pelo grande número de livros coletivos, alguns com uma dezena de autores, e procuram analisar essa expansão. Como uma primeira resposta às questões colocadas acima, indicam o desejo de tornar visível o conhecimento gerado na instituição que produz o periódico, como foi o caso da UFF. Uma segunda resposta estaria na pressão exercida pelas avaliações de desempenho acadêmico, no caso das faculdades, para atribuição da Gratificação de Estímulo à Docência, como posta pelo MEC, e pelas avaliações da Capes, no caso dos programas de pós-graduação, nesse último caso incluindo também a produção discente. Seus autores indicam também “uma nítida tendência na produção de periódicos e séries identificadas diretamente com grupos de pesquisas ou áreas temáticas, envolvendo a participação de pesquisadores de diferentes instituições” (ORTEGA et al., Op. cit., p. 16). Procuram justificar essa ocorrência novamente pela necessidade desses pesquisadores tornarem visíveis suas produções e pelo fato das publicações existentes não estarem comportando essa produção, pelo volume e pela especificidade. No caso de *Movimento*, a opção pelos *dossiês temáticos* parece ter conseguido superar esta última dificuldade apontada, não só em termos de divulgação da produção institucional, mas também em termos de profícuo intercâmbio de pesquisadores de diferentes instituições que trabalham a mesma temática.

As decisões firmaram-se no sentido de um periódico com o formato gráfico do tamanho de livro, com a capa em duas cores, opção mais realista, do ponto de

vista técnico-financeiro. Sua periodicidade seria semestral e cada número teria em torno de 160/200 páginas. Como os primeiros números ficaram a cargo da DP&A, foi pensada com ela uma apresentação gráfica leve e criado um logotipo que se constituísse em “marca registrada” da *Revista* e, ao mesmo tempo, distinguísse suas diferentes seções.

Em termos de conteúdo, decidiu-se que cada número teria um *dossiê temático*, que titularia o número, abordado em diversos artigos e sob várias perspectivas. Esse *dossiê*, no entanto, não esgotaria o número; haveria outros *artigos*, abordando assuntos diversos, e outras seções: *notas de pesquisa*, *documentos*, *janela para o mundo* e *resenhas*. A escolha do tema a ser abordado nos *dossiês* seria feita em função, sobretudo, de sua atualidade e da experiência em sua abordagem na própria Faculdade de Educação. A produção de cada número ficaria a cargo de dois ou três professores. A linha da *Revista*, ao longo dos diferentes números, seria garantida pelo Conselho Editorial e sua produção, pela Comissão Executiva.

De acordo com as normas vigentes, inclusive para obtenção de financiamento junto ao CNPq, e para a manutenção do caráter nacional da publicação, em torno de 60% dos textos devem ser da autoria de colaboradores externos à Faculdade de Educação. A experiência dos primeiros números revelou que a busca de textos para o *dossiê temático* tem possibilitado excelente diálogo com os outros centros de produção, não apenas da área pedagógica, como havia sido previsto.

Com o mesmo espírito, tanto a publicação dos *documentos*, em geral provenientes de experiências educativas realizadas por movimentos sociais ou secretarias de educação, quanto a seção *janela para o mundo* têm garantido a pretendida abertura da *Revista*. Tem sido incentivada a produção de textos pelos pós-graduandos e, em particular, é gratificante a resposta dada também pelos alunos da graduação à solicitação para o preparo de resenhas.

Como era de se esperar, as dificuldades de financiamento e distribuição não foram superadas, mesmo tendo-se optado pelo regime de coedição com uma editora privada. Poucas revistas da área de educação conseguem um número significativo de assinaturas e, a rigor, nenhuma sobrevive sem apoio governamental, atualmente restrito ao CNPq. Esperava-se também que o INEP viesse a patrocinar uma permuta organizada entre o grande número de periódicos da área, mas este procedimento não passou da fase de sugestões e primeiras idéias. As permutas ainda são espontâneas e nem sempre sistemáticas. As assinaturas apenas tenuemente começam a ser feitas.

Que motivações, então, nos levaram, e nos levam, a dar continuidade à Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense? Certamente essas motivações são semelhantes, ou próximas, àquelas que um dia transformaram um Boletim numa Revista. A certeza de que é preciso navegar mostrando o nosso rumo e as nossas velas; o compromisso social de produzir conhecimento e partilhar esse conhecimento; e a necessidade de diálogo internamente com nossos colegas professores e alunos e externamente com companheiros que também vivem o MOVIMENTO de construção da educação de qualidade dimensionada num país mais justamente organizado.

Certamente, também, fomos e vamos descobrindo e aprendendo no caminhar que uma Revista não se faz só de concepção, edição, produção, circulação, divulgação, nem só de papéis e textos. Uma Revista se faz com precisões e determinações de autores de atividades várias e em vários espaços, mais ou menos visíveis, trabalhando em contextos muitas vezes muito imprecisos e indeterminados, mas povoados de vontade política, de conhecimentos, de compromisso com o/a MOVIMENTO.

REFERÊNCIAS

AMADO, Tina; FÁVERO, Osmar & GARCIA, Walter “Para uma avaliação dos periódicos brasileiros de educação”. *Revista da FAEEBA*, Universidade do Estado da Bahia, Ano 2, n. 2, p. 173-193, jul.-dez. 1993.

DEMO, Pedro. *A nova LDB: Ranços e avanços*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO UFF. *Revista da Faculdade de Educação*, Niterói, RJ, UFF, n. 4, junho 1976.

FARIA Jr., Alfredo Gomes. “Editorial”. *Revista da Faculdade de Educação*, Niterói, RJ, UFF, v. 9, n. 2, jul./dez., 1982 (Especial).

FARIA, Hilda et al. “Revista da Faculdade de Educação: 10 anos de existência”. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 7, n. 1, jan./jun. 1980.

ORTEGA, Cristina; FÁVERO, Osmar & GARCIA, Walter. “Análise dos periódicos brasileiros de educação”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 79, n. 193, p. 161-168, set./dez. 1998.